

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

**Arqueólogos israelenses admitem que:
Não existe um Templo de Salomão.**

Após 50 anos de escavações: a lenda de Massada desmoronou

Por: Doaa El Shereef

Pesquisador especializado em assuntos israelenses.

A mídia israelense transmitiu recentemente diversos vídeos e declarações de líderes extremistas israelenses e judeus, tanto na TV quanto em jornais israelenses, falando sobre a demolição da sagrada Mesquita de Al-Aqsa e a construção do templo proposto em seu lugar. Por exemplo, o jornal israelense *Yediot Aharonot* (i) noticiou que o Ministério das Relações Exteriores de Israel produziu um documentário mostrando a demolição do Domo da Rocha e sua substituição pelo templo proposto.

O correspondente de assuntos políticos do jornal *Itamar Eichner* observou que os canais de televisão israelenses transmitiram partes do filme mencionado (ii) a pedido do Ministério das Relações Exteriores. O correspondente afirmou que a estrela do filme é o vice-ministro das Relações Exteriores de Israel, Danny Ayalon, em um filme de propaganda para promover a relação entre os judeus e a cidade de Jerusalém. Como mostram as fotos publicadas pelo jornal, ele aparece tendo como pano de fundo a demolição do Domo da Rocha enquanto fala sobre a relação entre os judeus e Jerusalém e o local do Santuário Sagrado.

de Salomão sobre as ruínas da Mesquita de Aqsa. O canal israelense 2 [filme\(iii\)](#) sobre como os judeus extremistas estão se preparando para construir o Templo também mostrou um filme sobre como os judeus extremistas estão se preparando para construir o Templo de Salomão sobre as ruínas da Mesquita de Aqsa.

O ministro israelense da Construção e Habitação, Uri Ariel, também foi criticado por construir o que ele chama de suposto Terceiro Templo no lugar da sagrada Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém.

Essa informação consta em um comunicado divulgado pelo site "Israel my home", que diz o seguinte:

"O Primeiro Templo foi destruído em 586 a.C., enquanto o Segundo Templo foi demolido em 70 d.C. Desde então, o povo judeu está sem um templo."

Ele também observou que:

"O povo judeu está aflito desde aquela data e vive sobre as ruínas do Templo." Ele continuou, afirmando que "Israel hoje é a terra do povo judeu, e há apelos para a reconstrução do Terceiro Templo."

"O local do templo fica sob a Mesquita de Al-Aqsa, embora o Templo seja muito mais sagrado, já que Al-Aqsa é a terceira mesquita do Islã", disse ele.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Portanto, dedicamos este estudo como uma resposta a essas alegações e invenções. Nossa referência servirá como prova da falsidade dessas alegações, conforme demonstrado pelos próprios arqueólogos israelenses e judeus. No último terço do século XX, um grupo de arqueólogos israelenses e judeus que trabalhavam na área de exploração e pesquisa arqueológica percebeu que tudo o que haviam aprendido anteriormente sobre as antigas glórias de Israel na Palestina havia perdido credibilidade. Isso se devia à falta de evidências arqueológicas tangíveis e conclusivas, visto que não há vestígios dos monumentos do reino unificado de Davi e Salomão, nem do Templo de Salomão, ou de muitos outros monumentos.

Como resultado, esses pesquisadores priorizaram os fatos científicos e a objetividade, afastando-se das falsas alegações sionistas. Desde então, publicaram suas descobertas baseadas em fatos científicos arqueológicos, o que levou à exposição das acusações contra o sionismo e a escola bíblica. Posteriormente, foram atacados por instituições sionistas israelenses e criticados por escolas religiosas israelenses e círculos arqueológicos bíblicos.

O objetivo de sua pesquisa é revelar fatos científicos, e não validar as teorias bíblicas sionistas e israelenses. Como resultado, entraram em conflito com as políticas sionistas que buscavam judaizar todos os monumentos em Israel, mesmo os cananeus. Também entraram em conflito com as narrativas bíblicas e talmúdicas. Começaremos com o arqueólogo israelense Ze'ev Herzog, que forneceu um bíblica ⁽⁴⁾ testemunho e documento israelense conclusivo reconhecendo a falsidade da narrativa sobre as origens dos israelitas na antiguidade, e tudo relacionado à permanência no Egito, à peregrinação no deserto, à invasão da terra de Canaã por forças armadas e ao estabelecimento de um reino israelense unificado na Palestina entre as grandes civilizações da região.

Este testemunho desmente todas as alegações sionistas referentes ao **direito religioso e histórico na Palestina, e sobre o Reino de Davi, Jerusalém... etc.**

Herzog publicou essas descobertas chocantes no jornal israelense *Haaretz* em 29 de outubro de 1999. Publicaremos um breve trecho do conteúdo. O documento intitula-se:

"O período bíblico não ocorreu de fato e não há evidências que o confirmem."
Narrativas Bíblicas"

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)



<http://www.hofesh.org.il/articles/science/archeology.html>

Imagem de capa do Haaretz de 29/10/1999

A capa traz o título: "A Verdade da Terra Santa".

O período bíblico não ocorreu de fato e não há evidências que o confirmem.

Narrativas Bíblicas

Ze'ev Herzog

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Aqui estão alguns trechos do artigo:

"Acreditamos que não apenas os israelenses e judeus, mas todos os povos do mundo ficarão chocados ao conhecerem os fatos que se tornaram bem conhecidos pelos arqueólogos responsáveis pelas escavações na terra de Israel nos últimos tempos. Ao longo dos últimos vinte anos, ocorreu uma verdadeira mudança na forma como os arqueólogos israelenses veem a Torá como fonte histórica. A maioria daqueles que se dedicam ao trabalho científico nas esferas interligadas da Bíblia, da arqueologia e da história do povo judeu — e que antes iam a campo em busca de provas para corroborar a narrativa bíblica — agora concordam que os eventos históricos relacionados às etapas da formação do povo judeu são radicalmente diferentes do que essa narrativa conta."

Parece que os pesquisadores estão sofrendo os efeitos de tudo o que aprenderam anteriormente com a escola arqueológica bíblica, razão pela qual se mostram hostis a esta escola. Vejamos suas palavras:

"Há um erro nas narrativas da Torá sobre a história antiga, revelado por pesquisas e escavações arqueológicas. A ciência moderna, como você sabe, não apoia as narrativas escritas, mas principalmente as antiguidades. A arqueologia tornou-se uma ciência à parte. Mas em Israel, não queremos que seja uma ciência à parte; queremos que as antiguidades validem as narrativas históricas bíblicas, e isso é contrário não apenas à ciência, mas também à verdade histórica. Se quisermos ter um status respeitável na academia internacional, temos que nos ater aos princípios da ciência, em vez da política e da ideologia."

Este pesquisador rejeita a narrativa da imigração dos hebreus e sua presença no Egito. Ele também nega completamente o livro de Josué, que conta a história de falsas guerras para entrar na terra de Canaã. Em um passo decisivo para negar os cinco primeiros livros da Torá, ele afirma:

"As intensas escavações arqueológicas na terra de Israel durante o século passado (o século XX) trouxeram resultados frustrantes. Tudo é fabricado. Não encontramos nada que seja consistente com a narrativa bíblica. As histórias de Abraão, Jacó e Isaque no livro de Gênesis são apenas lendas."

Não fomos ao Egito e, portanto, não saímos de lá.

Não estávamos perdidos no deserto do Sinai.

Não invadimos a Palestina com uma campanha militar.

O reino de Davi e Salomão, descrito na Torá como uma superpotência, era, na melhor das hipóteses, um pequeno reino tribal.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Ele enfatizou:

"Como judeu e estudante da escola bíblica, estou ciente da extrema frustração causada pela discrepância entre nossas esperanças de validar os fatos históricos da Torá e os fatos arqueológicos que se revelam no terreno."

Deixemos Herzog de lado e passemos ao grande arqueólogo israelense, professor Israel Finkelstein, que questionou a existência de qualquer ligação dos judeus com a Jerusalém ocupada, contrariando as alegações israelenses de sua presença histórica na cidade.

Israel Finkelstein, chefe do instituto arqueológico da Universidade de Tel Aviv Aviv, conhecido como "o pai da arqueologia bíblica", disse ao jornal israelense. *Correio de Jerusalém:*

"Pesquisas arqueológicas recentes provaram que não existia uma categoria de judeus que soubessem ler e escrever. Quem afirma hoje a dependência de documentos está se iludindo, pois não existem materiais escritos desse período da história antiga. Os eventos que ocorreram ali no século XII a.C. (a chegada dos hebreus à terra de Canaã) foram registrados 500 anos depois e incluem muitas histórias fantasiosas... Os arqueólogos judeus não encontraram evidências históricas ou arqueológicas que corroborem algumas histórias contidas na Bíblia, incluindo o Êxodo, a peregrinação no Sinai ou a conquista de Canaã por Josué."

Finkelstein prosseguiu:

"Os antigos israelitas desenvolveram-se a partir da civilização cananeia no final da Idade do Bronze na região, e não houve nenhuma invasão militar em larga escala."

O pesquisador avançou para um ponto mais avançado e disse ao *New York Times*:

**"Pelo que entendi, não há qualquer evidência da existência de um reino unificado que governasse a partir de Jerusalém sobre territórios tão vastos."
A Jerusalém do Rei Davi não passava de uma aldeia pobre naquela época."**

Em um confronto entre o novo pensamento científico que ele representa e o conservadorismo bíblico, ele disse:

"Há pouco tempo, a história bíblica ditava o rumo das pesquisas e escavações, que eram usadas para validar a narrativa tradicional. Conseqüentemente, a arqueologia passou a ocupar um segundo plano como especialização científica. Creio que chegou a hora de colocar a arqueologia em primeiro plano. As escavações demonstraram que o antigo Israel se originou da população local da Idade do Bronze cananeia."

As escavações não revelaram nenhum vestígio que validasse a narrativa bíblica sobre o Êxodo ou sobre os israelitas vagando pelo deserto do Sinai.

Palestine

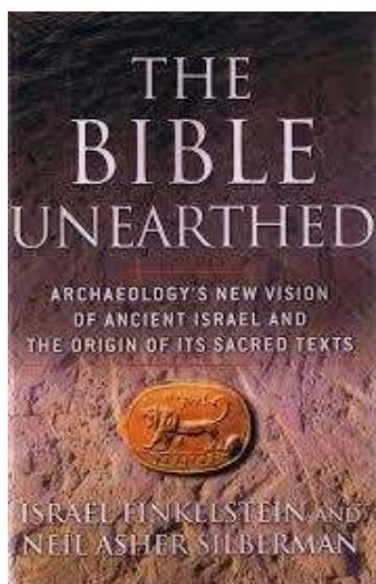
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Aqui, Finkelstein nega as narrativas bíblicas do Êxodo e do livro de Josué.

Finkelstein adota uma posição firme e clara ao considerar a Torá um romance histórico, especialmente os cinco primeiros livros. Ele disse:

"A Torá perdeu sua importância como fonte histórica, especialmente no que diz respeito às origens de Israel e à questão do reino unificado. Este livro é um documento muito tardio, cujos primeiros capítulos foram escritos no século VII, segundo as estimativas mais antigas, e sob perspectivas teológicas, ideológicas e políticas. Aqui, buscar a base histórica por trás da narrativa bíblica é uma tarefa muito difícil, senão impossível."

Tudo isso é revelado no livro *The Bible Unearthed(v): Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of its Sacred Texts*, publicado pela Touch Stone.



A Bíblia Desenterrada: A Nova Visão da Arqueologia sobre o Antigo Israel e a Origem de Seus textos sagrados

Conforme consta no livro:

"No século X a.C., Jerusalém encontrava-se em condições modestas. O número de aldeias não ultrapassava vinte pequenas aldeias com uma população de não mais do que alguns milhares de pessoas, a maioria pastores. Portanto, há uma probabilidade muito pequena de que a pequena aldeia de Jerusalém, e atrás dela o território de Judá quase completamente desabitado, tenha se tornado o centro de um império que se estendia do Mar Vermelho, ao sul, até o vale da Síria, ao norte."

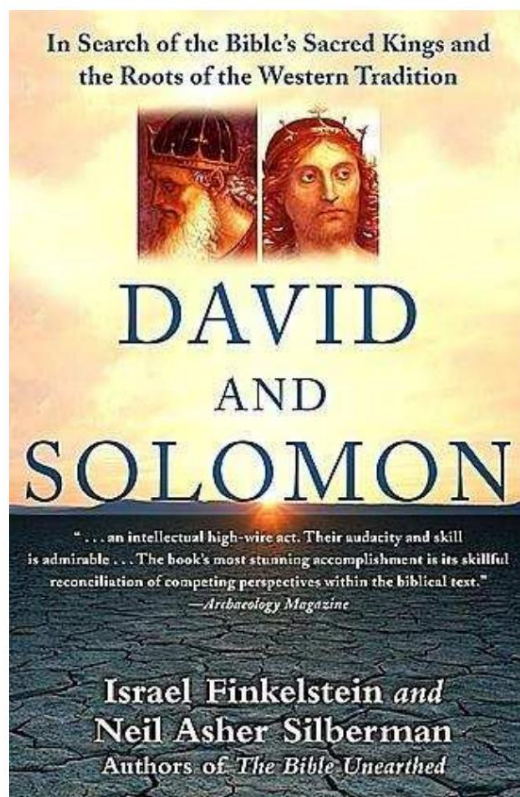
Diversas passagens das escrituras são comparadas com evidências arqueológicas. O historiador Neil Asher Silberman é um dos coautores deste livro.

Palestine

in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Os autores deste livro basearam-se nas descobertas mais recentes e nas evidências mais relevantes para desenvolverem suas teorias sobre o que a Bíblia representa no contexto do mundo antigo. Eles a chamaram de " **livro revolucionário**".

O historiador Neil Silberman participou, juntamente com o professor Israel Finkelstein, de outro estudo publicado em 2006. O livro intitula-se:



Davi e Salomão: Em Busca dos Reis Sagrados da Bíblia e das Raízes do Tradição Ocidental

Por meio deste estudo, Finkelstein confirmou, em relação ao alegado Templo de Salomão, que:

"Não há qualquer evidência arqueológica de que tenha existido."

Aqui, o arqueólogo mais importante de Israel negou completamente a existência do Templo de Salomão, apresentando provas. Este é o templo que o governo e os líderes israelenses estão se apressando em construir sobre as ruínas da Mesquita de Al-Aqsa.

Em 2005, dois canais, o francês Canal 5 e o franco-alemão ART, colaboraram para produzir um filme considerado um dos mais importantes do cinema israelense e que causou grande repercussão recentemente. Trata-se de **um documentário intitulado "Le Bible Devoilee"** (A Bíblia Devorada).

Palestine

in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Bíblia desenterrada), baseado no livro *A Bíblia Desenterrada*, escrito pelo arqueólogo Israel Finkelstein e pelo historiador Neil Silberman, sobre o qual já falamos anteriormente.



Capturas de tela do documentário "A Bíblia Desenterrada", "Le Bible" Devoilee"



Um segmento de pedra singular, com sete mil anos de história, desde a base até o topo, datando do século V a.C.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

O filme levanta questões científicas importantes, como: Por que o Antigo Testamento foi escrito? E quem o escreveu?

Finkelstein e Silberman participarão do filme, assim como o professor Jacques Briand e Thomas Romer, professor de Antigo Testamento.

No início do filme e do livro, surge uma questão importante: [Por que o Antigo Testamento foi escrito?](#) [E quem o escreveu?](#)

A resposta é: a ciência moderna está lançando nova luz sobre essas questões, criando uma revolução na narrativa científica, que mudou a percepção dos cientistas sobre a sociedade que escreveu a Bíblia. A partir daqui, a investigação começará: paleontólogos tentarão encontrar o significado desses personagens. Israel Finkelstein, pesquisador de arqueologia da Universidade de Tel Aviv, supervisiona um projeto de escavação no sítio arqueológico de Megido, no norte de Israel, há mais de dez anos. Centenas de especialistas e voluntários de todas as partes do mundo contribuíram para essa aventura. O sítio é considerado a joia da paleontologia bíblica. A história de Megido abrange 7.000 anos de interações e conflitos entre as principais potências que dominaram a região: Egito, Síria, Babilônia e, posteriormente, o Império Persa. O sítio é uma colina artificial elevada que surgiu como resultado do acúmulo de casas, palácios e estruturas construídas umas sobre as outras ao longo dos séculos.

"Aqui temos uma chave para entender a história de Megido", disse Finkelstein. Ele continuou: "Uma nova oportunidade deixada por antigos arqueólogos, um segmento de pedra distinto com 7.000 anos de história, desde a base até o topo, datando do século V a.C. Encontramos 25 camadas, cada uma construída sobre as ruínas da outra, o que é único e o único exemplo no país e em toda a região."

"Isto abre uma janela para nós aqui no sopé da colina."

A história de Megido estende-se da Idade do Bronze à Idade do Ferro, revelando não apenas a história de Megido, mas de todo o país. É um local inigualável no Oriente, berço da arqueologia bíblica e referência arqueológica para a história de todos os outros sítios da região, situado numa encruzilhada econômica e estratégica entre o Egito, a Síria e o Crescente Fértil.

Tel Megido desempenhará um papel importante no exame do Antigo Testamento.

Embora descreva muitos eventos históricos, ao longo dos séculos foi considerado apenas um livro religioso. As pessoas acreditavam ser inútil e até perigoso encará-lo de outra forma, e a maioria evitava cuidadosamente examiná-lo.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Esse comportamento seria alterado pela Era do Iluminismo (quando a luz brilhará no mundo e teremos uma era que chamaremos de "Era do Iluminismo", ou as trevas prevalecerão em todas as eras?). Uma era em que o livro sagrado será lido através da ciência e da razão (Quando leremos nossos livros sagrados usando a ciência e a razão?).

Em meados do século XIX, na Alemanha, iniciou-se um movimento que **interpretava criticamente o livro sagrado. A reação mundial**, especialmente na Grã-Bretanha, foi enviar cientistas à Terra Santa para validar a precisão histórica do livro sagrado por meio da arqueologia.

Pessoas ligadas a grupos religiosos europeus e americanos vasculharão a área em busca de sinais e indícios que demonstrem a precisão histórica do livro sagrado. Seus livros foram os primeiros relatos geográficos da Terra Santa relacionados ao Livro Sagrado.

Vamos passar a falar de outro arqueólogo, Raphael Greenberg, que é professor e escritor sobre antiguidades, sociedade e política na arqueologia da Jerusalém antiga.

Raphael Greenberg, Professor da Universidade de Tel Aviv

O *Jerusalem Post* citou Raphael Greenburg, professor da Universidade de Tel Aviv, dizendo:

"Supostamente, Israel deveria ter encontrado algo durante um período de escavações contínuas de seis meses. No entanto, os israelenses na cidade de Davi, no bairro de Silwan, em Jerusalém, vêm escavando continuamente há dois anos e não encontraram nada."

O professor Jonathan Mizrahi, arqueólogo independente que trabalhou anteriormente com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), concordou com a opinião de Finkelstein. Ele disse:

"A associação de direita Elad não encontrou sequer uma placa com os dizeres 'Bem-vindo ao palácio de Davi'. No entanto, para eles, essa era uma conclusão óbvia, como se confiassem em textos sagrados para guiar seu trabalho."

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)



O logotipo da associação Elad

A associação Elad é um movimento extremista de colonos judeus, fundado em 1986 por um colono do movimento extremista Ateret Cohanim chamado David Barry, que a batizou de Elad, acrônimo de três palavras hebraicas que significam "Em direção à Cidade de Davi". A "Cidade de Davi" é o que Israel chama de "Bacia Sagrada", que inclui a Mesquita de Al-Aqsa, a Cidade Velha e as áreas circundantes, especificamente as cidades de Silwan e Al-Tur em Jerusalém. Esta associação trabalha para estabelecer uma presença judaica e promover o turismo na Cidade de Davi em Silwan e arredores.

É importante destacar que, desde 2008, o governo israelense vem expandindo e fortalecendo secretamente o controle dos colonos sobre o bairro de Silwan e as áreas adjacentes da Cidade Velha, ocupadas por Israel desde a guerra de junho de 1967 e posteriormente anexadas, em uma medida não reconhecida pelo direito internacional nem pelas Nações Unidas. Especialistas israelenses entendem que o principal objetivo das escavações é forçar os palestinos a deixarem a cidade sagrada, o que lhes permitiria expandir os assentamentos judaicos na região.

A arqueologia em Israel contradiz o mito da Terra Prometida.

Mais uma vez, as evidências arqueológicas em Israel desmentiram o mito da "Terra Prometida" e revelaram o erro de aplicar a geografia da Torá à Palestina. Após a investigação da revista *TIME*, em 12 de maio de 1995, intitulada "A Bíblia é fato ou ficção?", a revista francesa *Le Nouvel Observateur* publicou uma reportagem de dez páginas intitulada:

"O que acreditar sobre a Bíblia após as novas descobertas arqueológicas"
(edição nº 18 – 24/7/2002)

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Outro artigo intitulado "O dilúvio, Abraão, Moisés: fatos e mitos, e novas descobertas da arqueologia", de Victor Siegelman, Jean-Luc Potier e Sophia Laurent. Desde 1998, foram publicados mais sete livros na França sobre o mesmo tema. O resumo da pesquisa é o seguinte:

As evidências arqueológicas na Palestina não confirmaram o que está escrito nos livros da Torá e, portanto, a "Terra Prometida Cananea", repleta de "leite e mel", não está na Palestina. Daí o mito sionista sobre a...

"As terras ancestrais são nulas e sem efeito."

Neste artigo, Victor Siegelman afirmou: **"Quanto aos palestinos, a questão diz respeito à legitimidade da existência do Estado de Israel, e não apenas às terras ocupadas em 1967. Os novos historiadores e arqueólogos em Israel passaram a aplicar o texto bíblico à terra, especialmente no que se refere à historicidade dos ancestrais e profetas, e ao Templo de Salomão. Portanto, a ideologia sionista, segundo a qual os judeus estabeleceram seu Estado na terra de seus ancestrais, já não se sustenta. Os arqueólogos não encontraram nenhum vestígio de ruínas de templos, de um poderoso reino de Salomão, nem nada do tipo."**

O texto bíblico não possui uma base material real e é apenas uma invenção literária. No entanto, isso não altera o vínculo do povo judeu com este local chamado Terra de Israel (Palestina em árabe).

"Se os ancestrais eram reais ou fictícios, o poder do mito nacional não precisa ser comprovado para desenvolver a dinâmica das emoções nacionais de um povo. Israel possui legitimidade internacional reconhecida pelas Nações Unidas. Ao contrário da legitimidade do futuro Estado da Palestina, usar a arqueologia para provar a ausência de vínculo histórico entre os judeus e a terra de seus ancestrais, a fim de atender às aspirações do povo palestino, seria inútil e perigoso."

O editor da investigação, Jean Luc Pouthier, afirma que **"não existem pegadas de Abraão". Segundo Israel Finkelstein, provar a presença de Abraão é inútil, porque o texto bíblico insere o mito do dilúvio e do paraíso na geografia histórica. É possível seguir os passos de Abraão.**

jornada de Ur dos Caldeus no Iraque até o Egito (na verdade, em hebraico).

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Segundo o texto da Torá, ele partiu de Ur Qasidim (região de Yafea Inferior ou Bani Qased, no sul do Iêmen). De lá, retornou do Egito para Hebron, na terra de Canaã. Portanto, Abraão é o início da história de Israel e, por meio do sacrifício de Isaac, desempenhou um papel na promessa da "Terra Prometida", dando continuidade à linhagem de descendentes unidos a Deus. Estudei todas as antiguidades da região de Ur (no Iraque), Maria e Ugarit (na Síria) do mesmo período da migração de Abraão, mas não encontrei nenhum vestígio dele!

O Túmulo dos Patriarcas em Hebron, onde muçulmanos e judeus lutam atualmente, sempre foi um local tradicionalmente festivo. Abraão é uma figura decisiva. Foi ele quem rejeitou o politeísmo e se uniu a um único Deus na Torá, e as três religiões atuais se fundamentam nessa questão.

Em um artigo intitulado "**Um diálogo entre o historiador e o crente: um mito real**", o mesmo autor acredita que a Torá não é um livro historicamente preciso.

O dilúvio é uma lenda, Abraão é um mito, Moisés e Faraó foram figuras menos realistas, e o Reino de Israel não começou com Davi e Salomão. Então, o que é a Torá? É uma biblioteca cuja estrutura se transformou. Em seguida, o autor revisa as críticas publicadas sobre a Torá durante os três séculos que antecederam o século XX na Europa. **Em 1890, um padre francês que negava a precisão histórica da Torá** iniciou um trabalho de pesquisa em antiguidades e não rejeitou o projeto sionista **construído sobre a expulsão do povo palestino com base em um "direito histórico"**. Ele recorreu ao pesquisador francês Ernest Renan, que afirmou que **"a Torá pode**

"incluir um histórico."

Pouthier continua sua investigação sobre a cidade de Jericó, cujos muros caíram pelas mãos de Josué. "De acordo com o **texto bíblico, o sucessor de Moisés, 'Josué, filho de Num'**, atacou os reis e castelos de Canaã. Eram dezenas, e ninguém menciona o significado de 'rei' no texto, incluindo 'Arima' em siríaco e 'Arejo' em hebraico. Jean-Luc Pouthier afirma:

"As muralhas e fortalezas de Arima foram abaladas e destruídas pelo som de

Os chifres de Josué. É a narrativa mais importante da Torá.

Os arqueólogos procuraram vestígios desses fortes, mas infelizmente não encontraram nada.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Nada. Em outras palavras, esta cidade (a cidade de Arima, na Cisjordânia) não existia no século VIII a.C.!

O arqueólogo israelense Meir Ben-Dov admite que o Templo de Salomão não existe sob o Santuário Sagrado.

O arqueólogo israelense Meir Ben-Dov chocou recentemente a região ao revelar que não havia vestígios do Monte do Templo sob a Mesquita de Al-Aqsa.

Essa afirmação é corroborada por revelações anteriores de arqueólogos israelenses do Departamento de História da Universidade Hebraica.

Em entrevista ao jornal *Jerusalem*, Meir Ben-Dov, um dos arqueólogos mais proeminentes de Israel, afirmou: "**Nos tempos do profeta**

Salomão, o templo do rei romano Herodes ficava nesta área, e os romanos o demoliram. Na era islâmica, não havia vestígios do templo. Na era omíada, as mesquitas sagradas de Al-Aqsa e o Domo da Rocha foram construídas no local onde o profeta Maomé (que a paz esteja com ele) ascendeu aos céus." O arqueólogo israelense destacou que, há dois mil anos, a área do Santuário Sagrado era bastante diferente da atual, e que a altitude da região também era diferente. Por exemplo, o templo do rei romano Herodes estava a um nível do mar mais alto do que o nível da rocha sagrada hoje.

Ele prosseguiu:

"Através de nossa pesquisa e exame minucioso da área, conhecemos os cálculos. O Templo de Herodes não tem nada a ver com a rocha sagrada, onde este templo foi erguido cerca de cinco metros acima do nível do solo."

Ele prosseguiu

dizendo: "**Os muçulmanos vieram para esta terra e construíram sobre aquela rocha, que nada tinha a ver com o templo. Foram os cruzados que deram à rocha sagrada o nome de 'Templum Domini'... se realizarmos escavações nesta área, encontraremos inúmeros poços de água. Encontramos canais durante as escavações e os estudos que realizamos nos últimos vinte e cinco anos, e concluímos que não há templo ali (ou seja, não há vestígios daquele templo). Se vocês escavarem, não encontrarão nenhum vestígio do templo que indique esse período."**

Ele enfatizou que é possível encontrar inscrições ou antiguidades se escavar fora da muralha, no lado leste. Mas dentro ou sob a área do Santuário Sagrado, não há vestígios arqueológicos ou outras evidências.vii

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

O mito do templo não foi o único utilizado para criar o Estado judeu na Palestina, numa tentativa de comprovar a veracidade histórica do "direito divino" dos judeus na Terra Santa, mito esse que mais tarde foi refutado por arqueólogos israelenses e ocidentais.

A arqueologia sionista tentou incessantemente encontrar indícios de que essas reivindicações sobre a terra eram verdadeiras, ou pelo menos parcialmente verdadeiras. Entre esses indícios está o mito do "Castelo de Massada", que narra a luta dos guerreiros judeus contra a conquista romana no ano 73 d.C.

Hoje, arqueólogos judeus revelam que a história lendária de Massada nunca aconteceu, mas foi alimentada pela ideologia sionista, que visava usá-la como uma narrativa nacionalista para vincular os judeus ao local.

Embora as narrativas históricas digam que o Rei Herodes tomou a montanha com vista para o Mar Morto como uma fortaleza para si, uma narrativa judaica afirma que rebeldes judeus ocuparam o castelo e o usaram como fortaleza até que a décima brigada romana o retomou.

A narrativa judaica acrescenta que os rebeldes judeus temiam o assédio e a escravidão os levou a cometer suicídio em massa, matando suas mulheres e crianças. De fato, as narrativas judaicas tradicionais descartaram essa história, considerando o suicídio em massa contrário à religião e afirmando que ele não ocorreu.

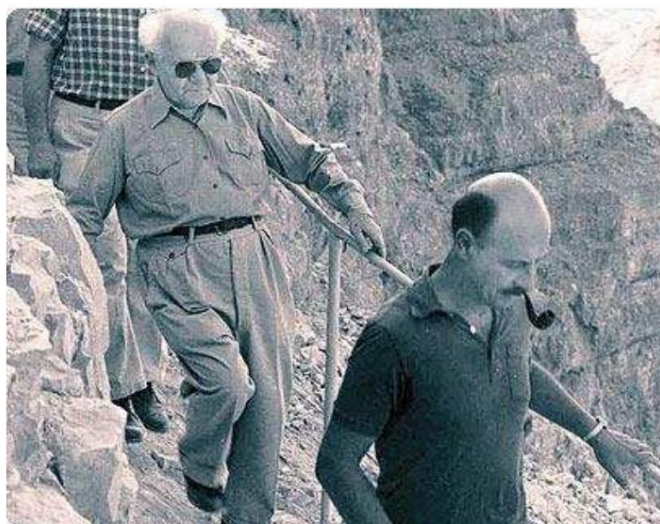
Em seguida, surgiu o movimento sionista no início da década de 1930 para reviver e perpetuar a narrativa. No início da década de 1960, o Estado sionista iniciou o mais amplo processo de exploração, liderado pelo Chefe do Estado-Maior da guerra de 1948, General Yigael Yadin, como parte de uma campanha para arrecadar fundos para promover as escavações de antiguidades judaicas na Palestina.

Palestine

in a Month

Palestina na Revista Month

Edição (7)



Uma foto de Yigael Yadin e David Ben-Gurion em Massada

" " " s :

"Masada... Um símbolo da conquista de Israel", Yigael Yadin e David Ben-Gurion em Massada. Fotos: Ministério da Defesa.

Então, Massada tornou-se um símbolo da iniciação ao combate, onde membros do exército israelense juram que "Massada não cairá novamente". Políticos e especialistas em psicologia apressaram-se em abordar a política agressiva israelense sob a mesma perspectiva, considerando-a afetada pelo "complexo de Massada", que transforma o medo do futuro em uma psicose existencial dominante, inclinando-se para o uso de força ilimitada.

Durante o fim de semana, a médica israelense Sarah Liebovich publicou um artigo complementar no site do jornal israelense *Maariv*:

viii

A investigação intitula-se:

“Após 50 anos de escavações: a lenda de Massada desmoronou: Pesquisadores israelenses destruíram um dos símbolos do sionismo e do Estado; a história de suicídio é falsa e visa arrecadar fundos para financiar as escavações.

Segundo a investigação, o pesquisador sociológico da Universidade Hebraica de Jerusalém, Dr. Nachman Ben-Yehuda, escreveu recentemente um livro intitulado *Arqueologia. e o mito de Massada*, no qual ele abordou a questão e o papel de Yigael Yadin em sua criação.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

Na verdade, a disputa a esse respeito remonta a 50 anos atrás, quando as escavações em Massada começaram com a participação de dezenas de arqueólogos e milhares de voluntários, e continuaram por dois anos depois que Yadin anunciou que "Massada é o símbolo do campeonato de Israel". Yadin escreveu em seu livro *Massada naqueles Dias naquela época*^{ix} que:

"Em vez de se tornarem escravos dos ocupantes, os defensores, 960 homens, mulheres e crianças, puseram fim às suas próprias vidas."

Mas, após 11 meses de escavações, surgiram dúvidas: por que não havia vestígios de corpos no local? Yadin, que procurou em vão por corpos por toda parte e não encontrou nada, respondeu que os soldados romanos queimaram os corpos e espalharam as cinzas em todas as direções. Muitos outros pesquisadores afirmam que toda a história de Massada não aconteceu.

Finalmente, o professor Nachman Ben-Yehuda conclui que Yadin,

"Fatos distorcidos, falsificados e ocultados, e a história do campeonato em Massada simplesmente não existiu."

Na opinião dele:

"A história gira em torno de uma rebelião fadada ao fracasso, demonstrada na destruição do Segundo Templo e de Jerusalém, no assassinato em massa dos judeus pelos exércitos romanos e no suicídio tragicamente notável."

Palestine

in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)



Fotos das encostas do Monte Massada, onde a lenda aconteceu.



” | s :

George Bush e Ehud Olmert em visita a Massada (foto da investigação do Maariv)

O arqueólogo Meir Ben-David, que participou das escavações com Yadin, afirmou, segundo o jornal *Maariv* :

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

"Durante as escavações, eu disse a Yadin que não havia nenhuma história de campeonato aqui. Yadin tem um problema. A situação ficou clara para mim rapidamente. Houve um suicídio em Massada, mas foi irrelevante. Ele não é uma lenda do campeonato. As pessoas se massacravam umas às outras. O que significa pegar crianças e matá-las?... Aqueles que falam do campeonato de Massada não sabem do que estão falando. Não foi um campeonato."

Ao longo de 50 anos, algumas pessoas rejeitaram a lenda de Massada, afirmando que não havia guerreiros no local e que aqueles que lá estavam não cometeram suicídio. Outros disseram que os que se suicidaram não eram campeões, mas apenas covardes com medo de lutar contra as tropas romanas, e que o bloqueio do local durou apenas algumas semanas, e não três anos. A pesquisadora americana Trude Weiss-Rosmarin foi uma das figuras mais proeminentes a se opor à lenda de Massada. Ela afirmou, em uma palestra em Jerusalém, em 1973:

"A história de Massada nunca aconteceu e é apenas uma invenção de um guerreiro que não lutou."

Ela disse que:

"As pessoas que estavam presas no castelo gozavam de superioridade tática sobre os romanos. Elas não sofriam de fome ou colapso psicológico; portanto, não é lógico que algumas centenas de pessoas tenham optado pelo suicídio em vez de lutar."

Muitos especialistas israelenses concordam com Rosmarin, incluindo o professor Jerome Murphy O'Connor, da Escola Bíblica de Jerusalém, que:

"Não houve suicídio em massa em Massada."

Vale mencionar que o padre Jerome Murphy é o autor do livro *Um guia arqueológico para a Terra Santa*, que é um guia que inclui todos os pontos de referência arqueológicos e turísticos de Jerusalém.

Ao final deste estudo, podemos afirmar que a Torá é, sem dúvida, um livro sagrado de religião e não um livro de história. A história é uma ciência que documenta os fatos, apoiada por consenso entre diversos historiadores, e nós também concordamos que a Torá é um livro sagrado de religião. Acrescentamos que o objetivo das religiões é promover virtudes e a coexistência entre os seres humanos. Portanto, as tentativas de alguns políticos de explorar livros religiosos sagrados para atingir objetivos políticos fracassaram. O que precisamos no Oriente Médio é aderir ao espírito das religiões que pregam a coexistência, a tolerância, o amor e a fraternidade entre os seres humanos. A solução não é negar a existência do povo palestino com origens cananeias.

Palestine
in a Month
Palestina na Revista Month
Edição (7)

O caminho certo para todos é um Estado palestino baseado nas fronteiras de 4 de junho de 1967, de acordo com o que é confirmado pelas leis internacionais e pela Iniciativa de Paz Árabe.

ⁱ - Yediot Aharonot 31, 1. 2014

ⁱⁱ O filme pode ser visto no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=ypslHFHMJaY>

ⁱⁱⁱ - O canal israelense 2: como os sionistas estão se preparando para construir o templo de Salomão sobre as ruínas da Mesquita de Al-Aqsa.

O filme pode ser visto no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=1qZcibf5vws>

⁴ Ze'ev Herzog: nascido em 1941, é um arqueólogo israelense da Universidade de Tel Aviv. Sua pesquisa concentra-se no período do Primeiro Templo. Herzog é professor do Departamento de Antiguidades e Culturas do Antigo Oriente Próximo da Universidade de Tel Aviv. Participou das escavações de Tel Hazor e Tel Megido com Yigael Yadin e das escavações em Tel Arad e Tel Be'er Sheva com Yohanan Aharoni. Dirigiu as escavações em Tel Michal e Tel Gerisa e, em 1997, iniciou um novo projeto de exploração em Tel Yafo (antiga Jaffa).

Herzog publicou diversos livros sobre as antiguidades da cidade na Terra de Israel e seus arredores. Ele também escreveu sobre as escavações de Tel Be'er Sheva e Tel Michal e publicou um livro geral sobre a arqueologia da cidade.

^v - A Bíblia Desenterrada: A Nova Visão da Arqueologia sobre o Antigo Israel e a Origem de seus Textos Sagrados Publicado por Israel Finkelstein e Neil Asher pela editora Silberman em 2001.

^{viii} Neil Asher Silberman: Nascido em 19 de junho de 1950 em Boston, Massachusetts, Silberman é arqueólogo e historiador. Seus outros livros sobre temas de história, patrimônio e sociedade contemporânea incluem: Arqueologia e Sociedade no Século XXI (2001); Poderes Celestiais (1998); A Mensagem e o Reino (1997); A Arqueologia de Israel (1995); América Invisível (1995); Os Pergaminhos Ocultos (1994); Um Profeta Entre Vocês: A Vida de Yigael Yadin (1993); Entre o Passado e o Presente (1989); e Escavando em Busca de Deus e da Pátria (1982).

^{vii} - <http://www.nrg.co.il/online/54/ART2/510/689.html>

^{viii} - <http://www.nrg.co.il/online/54/ART2/495/370.html>

^{ix} - . : Massada naqueles dias, naquela época: Impresso e publicado em 1966

^x O padre Jerome Murphy O'Connor tornou-se mundialmente conhecido como um dos maiores especialistas nos assuntos de São Paulo. Ele faleceu em 11 de novembro, aos 78 anos. Entre suas obras mais famosas está o livro "Um guia arqueológico para a Terra Santa". Ele nasceu em 10 de abril de 1935 e faleceu em 11 de novembro de 2013.

^{xi} - A Terra Santa: Um Guia Arqueológico de Oxford desde os tempos mais remotos até 1700. Publicado em 25 de junho de 1998 pela Oxford University Press, EUA.